

ALFABETIZAÇÃO, CURRÍCULO E EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS: UM DIÁLOGO PERTINENTE À EDUCAÇÃO

Pedagoga Rayane Chantre Lacerda^{1, 2}

Prof^ª. Dr^ª. Mauriceia Silva de Paula Vieira¹

¹Universidade Federal de Lavras; ²Faculdade Adventista de Minas Gerais

1 INTRODUÇÃO

Este artigo propõe a elaboração de uma pesquisa para o programa de Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Federal de Lavras. Intenta ressaltar a importância de um processo de educação consciente e fundamentado em evidências científicas no que diz respeito ao processo de alfabetização.

As tomadas de decisões em sala de aula partem de pressupostos como: rotinas, hábitos, regras, tradições etc., que no fim, perpetuam o mesmo cenário, além de ampliar as desigualdades sociais. A sociedade passa por constantes mudanças e é este o aluno que se tem hoje nas escolas: um ser social com exigências modernas que precisam ser atendidas, sobretudo quando se fala em aprendizagem.

Torna-se então necessário promover uma mudança no que se diz respeito ao fazer pedagógico do professor. Torna-se crucial uma reconfiguração das metodologias empregadas em sala de aula, sobretudo, o aprimoramento do saber pedagógico, uma vez que o professor é o principal protagonista da educação. Sem dúvidas, esse seria um avanço promissor para a educação.

Mudanças na prática educativa do docente devem acontecer por meio do seu contínuo processo de formação. Os conhecimentos neurocientíficos promovem a compreensão dos caminhos operatórios da mente humana, oferecendo bases consistentes para o aprimoramento

do ensino-aprendizagem. O saber profissional é construído ao longo das experiências e vivências do educador.

Isto posto, este trabalho propõe-se a apresentar um diálogo entre a neurociência e a prática da alfabetização, em especial na formação docente. Para que este diálogo aconteça necessita-se de uma linguagem mediadora entendendo que o uso das descobertas científicas precisa passar pelo viés da necessidade da utilização da educação. Os estudos neurocientíficos propõem uma fundamentação para a prática pedagógica mostrando que, se os professores entenderem como o cérebro aprende e reconhece o seu processo, sua estratégia pedagógica tende a ser muito mais eficiente. Desta forma, compreender como os estudos neurocientíficos podem colaborar com o ensino aprendizagem e trará resultados satisfatórios ao ambiente escolar.

Que a educação brasileira é um problema isso não é novidade, os dados mostram que a realidade na educação básica não é nada animadora. Uma vez que a criança não aprende a ler, ela não vai conseguir ler para aprender. Contudo, muito se fala sobre um conhecimento transformador, mas de que modo é ofertada uma educação que desperte o interesse nas crianças e promova um ensino de qualidade e com resultados eficazes? O corpo docente tem buscado se especializar em métodos que atinjam uma alfabetização eficaz? A pergunta norteadora desta pesquisa é: De que forma a elaboração de um currículo robusto, detalhado, voltado para a alfabetização, levando em consideração os estudos neurocientíficos podem colaborar para uma aprendizagem eficaz e com resultados promissores?

A proposta de uma pesquisa nesta perspectiva desencadeou-se a partir dos desafios no currículo no âmbito do processo de alfabetização, por entender que a situação da educação básica não é nada animadora, uma vez que o ciclo de alfabetização precisa ser finalizado com certa excelência e não é isso o que as avaliações nacionais estão mostrando. Necessita que haja uma reelaboração do currículo escolar e de uma formação continuada para professores, porque enquanto não haja um reconhecimento de como a criança aprende a ler, não haverá possibilidade de ensiná-la de forma efetiva.

O Brasil foi um dos últimos países a abolir a escravatura. Será também um dos últimos a abolir o analfabetismo? [...] Hoje, o sistema educacional no Brasil continua paralizado por interesses egoístas, por enormes desigualdades sociais e raciais, por políticas débeis, por burocracias de escrivão reprodutoras

de certo genoma cultural português e por desvarios de pseudo intelectuais anticientíficos, prontos a sacrificar a verdade à ideologia. (MORAIS, 2014; p. 51).

Tendo em vista que professores formam a classe dos que mais trabalham com o cérebro humano e não conhecem as suas especificidades. O professor tem grande influência na composição dos comportamentos que o estudante demonstrará ao longo da vida e mesmo assim, esse é um assunto pouco abordado em turmas de graduação e pós-graduação. O cérebro é o órgão da aprendizagem. O que é tão intrigante quando este assunto é trazido para a área de educação é que raramente este assunto é abordado como estratégia de formação continuada para os professores, os professores atuam de forma central na melhoria da qualidade da educação.

É intrigante notar que pouco se saiba a respeito de como funciona o cérebro das crianças que estão todos os dias sob os cuidados de professores. Se os professores tivessem acesso a esses estudos ou treinamentos muito se aprimoraria o trabalho pedagógico em sala de aula. Quando se conhece como o cérebro aprende consegue-se fazer com que isso aconteça de forma motivadora e fácil.

O uso da neurociência traz o aprimoramento de técnicas e conhecimentos a respeito da forma como acontece a aprendizagem. A educação baseada em evidências oportuniza estratégias para que as melhores medidas sejam tomadas para oportunizar uma aprendizagem prazerosa e com resultados.

Nas palavras de Cordingley (2007, p.91)

[...] a aprendizagem se constrói e deve estar relacionada com conhecimentos, visões e crenças prévios. Para indivíduos, que são aprendizes adultos e profissionais, o processo é complexo – e tão diferenciado quanto os adultos envolvidos. Contudo, a prática baseada em evidências muitas vezes é promovida como um processo único e sem diferenciações.

A neurociência não traz uma receita à educação propondo métodos que garantam resultados. Contudo, traz conhecimentos a respeito dos mecanismos cerebrais envolvidos na aprendizagem, o que pode ajudar o professor na reformulação dos seus conceitos e práticas pedagógicas, que podem ajudar na reestruturação de objetivos e estratégias educacionais.

A educação baseada em evidência científica traz ao professor a capacidade de refletir sobre sua prática pedagógica buscando os melhores métodos para o seu trabalho diário, trazendo

intencionalidade às suas ações em sala de aula, o que significa que seu trabalho pode ser ainda mais eficiente e significativo. Conhecer a forma como o cérebro aprende, sobretudo no ambiente escolar, facilitará o trabalho do docente, além de trazer estratégias metodológicas mais adequadas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Currículo e alfabetização

A educação começa pelo começo e esse começo é o currículo. O currículo é a raiz da árvore educacional. Há uma necessidade de uma criação de um currículo robusto, detalhado, com metas claras estruturadas para a alfabetização. O currículo precisa estar alinhado às diferentes perspectivas sociais, econômicas, políticas e culturais, pois dessa forma engloba não apenas o espaço da escola, mas de um complexo social.

Em sua origem currículo significava o território demarcado e regrado do conhecimento correspondente aos conteúdos que professores e centro de educação deveriam cobrir, ou seja, o plano de estudos proposto e imposto pela escola aos professores (para que o ensinassem) e aos estudantes (para que o aprendessem) (SACRISTÁN, 2013, p.17).

Por meio dos estudos de Silva (2005) nota-se que o currículo denota uma carência que permite a flexibilização, principalmente no que diz respeito à alfabetização. É fulcral dissipar os paradigmas estagnantes nos currículos escolares previamente estabelecidos. A alfabetização precisa ser trabalhada de forma sistemática e atenuante. Magda Soares nos auxilia com a definição de que:

A alfabetização não é a aprendizagem de um código, mas a aprendizagem de um sistema de representação, em que signos (grafemas) representam, não codificam, os sons da fala (os fonemas). Aprender o sistema alfabético não é aprender um código, memorizando relações entre letras e sons, mas compreender o que a escrita representa e a notação com que, arbitrária e convencionalmente, são representados os sons da fala, os fonemas. (SOARES, 2020, p. 11).

Os professores precisam estar ancorados em um currículo ambicioso. Diferente do que alguns pensam a alfabetização envolve vários processos e requer um esforço cognitivo. É necessário que haja metas quando se fala de alfabetização. “[..] é na Educação Infantil que deve

ser propiciado às crianças o conhecimento das letras, pelas quais elas demonstram interesse desde cedo, e com as quais convivem em seu meio social e escolar” (SOARES, 2017, p. 12). É na educação infantil que a criança tem a sua experiência com as letras e seus sons, sobre esse aspecto, Soares (2011, s.p.) já expunha seguinte:

Enquanto a criança não descobrir que palavras são sons, como poderão se alfabetizar, se têm de escrever registrando os sons da palavra? Daí a importância da consciência fonológica nessa fase, entendida como consciência dos sons de palavras, de sílabas. Para isso, as professoras podem brincar com parlendas, que facilitam colocar o foco no som [...]. Outra boa alternativa é brincar com rimas, o que também ajuda a prestar atenção no som.

Rocha (2006) complementa por ter uma aprendizagem inadequada, o aluno pode até mesmo sentir uma aversão nesse processo de ensino-aprendizagem, dessa forma a educação infantil precisa ser um berço prazeroso para o ensino de um componente curricular tão presente no cotidiano do ser humano.

2.2 O cérebro e a aprendizagem

Quando se trata de aprendizagem, o cérebro humano não funciona em um único padrão. Existe uma lacuna enorme quando se trata deste assunto, especialmente no Brasil. Quando alguém aprende, esse conhecimento influencia outras áreas de sua vida, ou seja, o aprendizado propõe e gera mudanças perceptíveis no meio social do indivíduo. Como salienta GUERRA, L.B. (2011)

Aprendemos o que é útil para a nossa sobrevivência e/ou que nos proporciona prazer. Educar é proporcionar oportunidades e orientação para aprendizagem, para aquisição de novos comportamentos. Aprendizagem, por sua vez, requer várias funções mentais como atenção, memória, percepção, emoção, função executiva, entre outras. E, portanto, depende do cérebro.

A aprendizagem não ocorre de forma isolada, mas de estímulos do seu aparelho perceptual, da interpretação dos fenômenos que envolvem seus sentidos e memória. Contudo, Rocha (2006) explica que, por ter uma aprendizagem inadequada, o aluno pode até mesmo sentir uma aversão no processo de ensino-aprendizagem. O cérebro possui a capacidade de fazer e desfazer as conexões entre os neurônios, isto é chamado de neuroplasticidade que

basicamente constitui a base da aprendizagem e do esquecimento. Como preconiza Guerra, L.B (2011):

Atenção é importante função mental para a aprendizagem, pois nos permite selecionar, num determinado momento, o estímulo mais relevante e significativo, dentre vários. Ela é mobilizada pelo que é muito novo e pelos padrões (esquemas mentais) que já temos em nossos arquivos cerebrais. Daí a importância da aprendizagem contextualizada.

O cérebro aprende aquilo que é significativo, necessário para sobrevivência e que demonstra uma certa familiaridade com seus arquivos de experiências. São as emoções que regem a aprendizagem e são os neurônios que regulam e mantêm as conexões importantes para a formação de memórias. Basicamente, o ser humano aprende aquilo que o emociona.

2.3 Atuação, formação docente e neurociência

Os anos pós pandemia trouxeram desafios jamais vistos nas etapas de alfabetização, o que ressalta a necessidade do professor de estar sempre preparado, capacitado diante de qualquer cenário que possa surgir e para isso faz-se notório o processo de formação continuada. Desse modo, Freire (1997) ressaltou a necessidade da formação continuada para professores.

Ensinar ensina o ensinante a ensinar certo conteúdo que não deve significar, de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo. Não o autoriza a ensinar o que não sabe. A responsabilidade, ética, política e profissional do ensinante lhe colocam o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática. (FREIRE, 1997, p. 28).

O professor faz a diferença na vida dos alunos, isso é óbvio. Além de apresentar uma boa formação acadêmica, o professor necessita ofertar, de forma robusta, mecanismos que causam impactos na aprendizagem do aluno, tais como as expectativas que alimentam e transmitem aos seus alunos (Weinstein, 2002; Rubie-Davies, Hattie e Hamilton, 2006), a forma como se relacionam com os alunos (Hamre e Pianta, 2005), ou a forma com que conduzem suas turmas (Emmer e Stough, 2001; Marzano e Marzano, 2003). Tudo isso são especificidades que

o professor necessita desempenhar em sala de aula, que não fica limitado apenas ao seu talento acadêmico, mas abre uma gama de habilidades sociais que o possibilita atuar em diferentes situações, com diferentes classes com necessidades distintas, uma vez que em cada classe se encontra diversos contextos socioculturais.

Ensinar é um trabalho árduo e complexo que depende de vários fatores tais como suas condições de trabalho, seu relacionamento interpessoal com a equipe, organização da escola, corpo diretivo da escola e sua respectiva liderança. Evidentemente, conhecer a forma como o cérebro trabalha e o seu processo de ensino-aprendizagem proporciona um trabalho muito mais robusto e eficaz. Para Pozo (2002), este conhecimento pode auxiliar professores a ajustarem ou reestruturarem a sua prática metodológica em sala de aula, proporcionando ao aluno um melhor desempenho na tarefa de aprender. Para salientar e complementar essa ideia, Shore (2000) declara que o conhecimento neurocientífico deve ser difundido aos que são, prioritariamente, responsáveis pelo desenvolvimento cognitivo da criança, em especial pais e professores, que são os interventores reconhecidos pela aprendizagem desses indivíduos. Este é um assunto tão sério e relevante que, apesar de estar sendo bombardeado pelas mídias, pouco se apresenta com o foco voltado para a educação. Tardif (2003), lembra que tudo o que possui uma relevância para a prática docente, que é sobretudo um trabalho humano, precisa ser amplamente difundido e discutido, uma vez que em sala de aula existe uma gama de diversidades:

Essa tarefa docente envolve a disposição para compreender os alunos em suas particularidades individuais e situacionais, acompanhando sua evolução no contexto em sala de aula. (...) a disposição do professor para conhecer seus alunos como indivíduos deve estar impregnada de sensibilidade e de discernimento a fim de evitar as generalizações excessivas e de afogar a percepção que ele tem dos indivíduos num agregado indistinto e pouco fértil para a adaptação de suas ações. Essa predisposição para conhecer os alunos como indivíduos parece, aliás, muito pouco desenvolvida nos alunos-professores (...). A aquisição de sensibilidade relativa às diferenças entre os alunos constitui uma das principais características do trabalho docente. Essa sensibilidade exige do professor um investimento contínuo e em longuíssimo prazo, assim como a disposição de estar constantemente revisando o repertório de saberes adquiridos por meio da experiência (Tardif, 2003, p. 267).

De acordo com Claxton (2005), se os professores não sabem em que consiste a aprendizagem e como ela ocorre, tem as mesmas possibilidades de favorecê-la ou de atrapalhá-la. Professores são mediadores do conhecimento, por isso se torna tão necessário que haja um incentivo quanto ao uso das neurociências, principalmente para os profissionais da educação, uma vez que, como pressupõe Moraes e Torre (2004), a neurociência oferta saberes que deveriam ser aproveitados por docentes. O professor, por meio do seu trabalho, produz estímulos que provocarão ao estudante estímulos que trarão entusiasmo ou o completo desinteresse pelos estudos.

Por meio da plasticidade cerebral o aprendizado pode acontecer, sofrendo este também a influência do ambiente, por isto torna-se tão necessário que o professor tenha pleno conhecimento a respeito de como se trabalhar em sala de aula e isso inclui a necessidade de conhecer com maestria, os processos de aprendizagem. Faz-se necessário que haja uma adequação nas metodologias de ensino do professor, faz-se urgente fundamentar o saber pragmático dos professores. O reconhecimento do cérebro é indispensável para o ato pedagógico. Uma vez que professores tenham a oportunidade de saber que o conhecimento tem raiz biológica, principalmente os professores dos anos iniciais, eles adotariam uma abordagem diferenciada dos conteúdos, uma vez que, como diz Willians: “A pesquisa sobre o cérebro manifesta o que muitos educadores sabem intuitivamente: que os alunos aprendem de diversas maneiras e quanto mais maneiras se apresentarem, tanto melhor aprendem a informação” (Willians apud Moraes e Torre, 2004, p. 88).

A neurociência traz ao corpo docente o aprimoramento de suas habilidades ao entrelaçar as teorias científicas com a prática docente e conseqüentemente, como diz a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômicos (OCDE):

Nas próximas décadas, temos boas possibilidades de desvendar as complexidades do cérebro e compreender, pelo menos, a natureza da memória e da inteligência (por exemplo, e o que realmente acontece quando o aprendizado ocorre). Quando atingirmos esse objetivo, seremos capazes de reassentar nossa prática educativa sobre uma sólida teoria da aprendizagem (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico, 2003, p. 46).

A educação pode-se amparar nos estudos científicos para remodelar sua prática pedagógica e trazer ao educador melhoria no seu processo de ensino aprendizagem.

3 METODOLOGIA

Este trabalho adotou a revisão bibliográfica como metodologia principal, devido à sua capacidade de possibilitar uma análise crítica de estudos existentes, aliada à coleta e seleção criteriosa de dados provenientes de periódicos relevantes sobre o tema. Cunha (1985) ressalta a pertinência desse recurso para sistematizar e aprofundar a compreensão de conteúdos já consolidados na literatura. Paralelamente, a pesquisa foi conduzida com uma abordagem exploratória e de natureza qualitativa, conforme destacado por Gil (2002, p. 44), que define a pesquisa bibliográfica como sendo “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 21).

Ao combinar a revisão bibliográfica com o viés qualitativo, o estudo não apenas identificou conceitos e teorias essenciais para o tema, mas também explorou de maneira ampla e profunda os significados e as perspectivas associadas. Essa metodologia proporcionou uma análise crítica e reflexiva, que enriqueceu a discussão ao considerar tanto os aspectos subjetivos quanto os contextuais do objeto de estudo. Por fim, essa abordagem metodológica reafirma a relevância de um olhar interpretativo e analítico, que vai além da simples coleta de dados. Ela constrói uma base sólida de conhecimento, capaz de fundamentar investigações futuras e de oferecer subsídios práticos e teóricos ao campo em questão, contribuindo para o avanço da pesquisa e a aplicação efetiva de seus resultados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, buscou-se evidenciar a intrínseca relação entre currículo, alfabetização e os avanços trazidos pela neurociência, sustentando a premissa de que a prática educacional alicerçada em evidências científicas pode catalisar transformações profundas no cenário da educação básica brasileira. Diante das lacunas apontadas, emerge a necessidade de uma formação docente que transcenda os paradigmas tradicionais, promovendo um ensino

significativo e contextualizado, que dialogue tanto com as especificidades do desenvolvimento cognitivo das crianças quanto com as demandas de uma sociedade em constante transformação.

As reflexões aqui apresentadas reafirmam que a alfabetização, quando integrada a um currículo estruturado e enriquecido pelo conhecimento neurocientífico, pode ressignificar a trajetória escolar de milhares de estudantes. Essa abordagem possibilita o desenvolvimento de estratégias pedagógicas inovadoras, capazes de potencializar o aprendizado e reduzir as desigualdades educacionais que historicamente têm marcado o Brasil. Entretanto, é imperativo reconhecer que a simples introdução de novas metodologias ou teorias não garante mudanças efetivas; o processo demanda uma articulação consistente entre políticas públicas, formação continuada e compromisso ético dos profissionais envolvidos.

Ademais, a aplicação do conhecimento neurocientífico no campo educacional deve ser compreendida como uma ferramenta, e não uma solução absoluta. Como os resultados demonstram, não se trata de prescrever fórmulas prontas, mas de capacitar os professores para que, com sensibilidade e discernimento, adaptem suas práticas às realidades distintas das salas de aula, promovendo uma educação mais inclusiva e eficaz.

Por fim, este trabalho reforça a urgência de um diálogo interdisciplinar que conecte a pedagogia, a neurociência e a gestão educacional, consolidando uma base teórica e prática que responda aos desafios contemporâneos da alfabetização no Brasil. Que a educação, tão vital para a transformação social, encontre nos saberes científicos o alicerce para a construção de um futuro em que cada criança possa não apenas aprender a ler, mas também ler para transformar o mundo ao seu redor.

REFERÊNCIAS

CLAXTON, Guy. **O desafio de aprender ao longo da vida**. Porto Alegre: Artmed, 2005. Disponível em: <https://indicalivros.com/livros/o-desafio-de-aprender-ao-longo-da-vida-guy-claxton>. Acesso em: 29.set.2023

CORDINGLEY, Philippa. **Professores usando evidências**: utilizar o que sabemos sobre ensino e aprendizagem para reconceituar a prática baseada em evidências. In: GARY, Thomas; PRING, Richard. **Educação baseada em evidências**: a utilização dos

achados científicos para a qualificação da prática pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br>. Acesso em: Acesso em 24.set.2022

CUNHA, M. V. **Os periódicos em ciência da informação**: uma análise bibliométrica. Ciência e Informação, Brasília, v. 14, n. 01, p. 37-45, 1985.

EMMER, E. T., e Stough, L. M. (2001). **Classroom management**: A critical part of educational psychology, with implications for teacher education. Educational Psychologist, 36(2), 103-112. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2001-17746-005>. Acesso em Acesso em 26.set.2023

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olho d'água, 1997

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GUERRA, L.B. **O diálogo entre neurociência e a educação**: da euforia aos desafios e possibilidades. Revista Interlocução, Belo Horizonte, v. 4, p. 3-12, jun 2011. Disponível em: https://www2.icb.ufmg.br/neuroeduca/arquivo/texto_teste.pdf. Acesso em: Acesso em 21.set.2023

HAMRE, B. K., e Pianta, R. C. (2005). **Can instructional and emotional support in the first-grade classroom make a difference for children at risk of school failure?** Child development, 76(5), 949-967. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.473.8297&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em 26.set.2023

MARZANO, R. J., e Marzano, J. S. (2003). **The Key to Classroom Management**. Educational Leadership, 61(1), 6-13. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/283749466_The_Key_to_Classroom_Management Acesso em 26.set.2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAIS, José. **Alfabetizar para a democracia**. Porto Alegre, RS: Ed. Penso, 2014.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. Trad. Dirceu Accioly e Rosa Maria Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1970. Disponível em: https://www.unicead.com.br/areadoaluno/file.php/1/Biblioteca_Virtual/Temas_educacionais/piaget_psicologia_e_pedagogia.pdf. Acesso em: 21.set.2023

ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICOS (OCDE). **Compreendendo o cérebro**: rumo a uma nova ciência do aprendizado. São Paulo: Senac, 2003.

POZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e mestres**: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROCHA, Marise Maria Santana. **Educação Matemática**: mitos presentes na prática pedagógica. In: PORTES, Écio, Antonio. (Org.). Diálogos sobre Ensino, Educação e cultura. Rio de Janeiro: E-papers, 2006, p.37-42. Disponível em:<http://186.251.225.226:8080/bitstream/handle/123456789/73/Camilo%2C%20Adriana%20de%20F%20C%20A1tima%20Faria%202017.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03.out.2023

Rubie-Davies, C., Hattie, J., e Hamilton, R. (2006). **Expecting the best for students**: Teacher expectations and academic outcomes. *British Journal of Educational Psychology*, 76(3), 429-444. Disponível em: https://www.academia.edu/24505333/Expecting_the_best_for_students_Teacher_expectations_and_academic_outcomes. Acesso em 26.set.2022.

SACRISTÁN, J. G. (Org). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SHORE, Rima. **Repensando o cérebro**: novas visões sobre o desenvolvimento inicial do cérebro. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

SOARES, M. **Aprendizagem lúdica**. [Entrevista concedida a] Rubem Barros. *Revista Educação*, São Paulo, 1 nov. 2011. Disponível em: <http://www.revistaeducacao.com.br/aprendizagem-ludica/> Acesso em: 03 out. 2023.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Contexto, 2017

SOARES, M. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2003. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1755381/mod_resource/content/1/Saberes%20docentes%20e%20forma%C3%A7%C3%A3o%20profissional.pdf Acesso em 26.set.2022

WEINSTEIN, R. S. (2002). **Reaching higher**: The power of expectations in schooling. Cambridge, MA: Harvard University Press. Disponível em: <https://scholarworks.wmich.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2978&context=jssw> Acesso em 26.set.2022